

cap. L. Fonseca
DET. 201

ELEMENTOS PARA REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE
DE CABOVERDIANA À LUZ DO CONTEXTO POLÍTICO

1. Introdução - O camarada Amílcar Cabral dizia que não era possível levar a luta à frente sem partir da nossa realidade concreta, sem estar com "os pés fincados na terra".

Efectivamente, qualquer processo de transformação pressupõe o conhecimento da realidade que se pretende transformar.

No caso de Cabo Verde, um dos objectivos fundamentais do Partido que dirige é criar a nova sociedade de progresso e justiça social, portanto, ^{apam!} apesar uma transformação bastante profunda na sociedade actual.

Dáí a necessidade de se aprofundar o conhecimento da sociedade em que vivemos, analisar os factores que condicionam a sua feição e procurar determinar as suas tendências com vista a sintonizar cada vez com maior precisão, os mecanismos da acção política com as aspirações e a maneira de ser das massas populares.

A compreensão da sociedade não é tarefa fácil. Ela requer estudos aprofundados e a utilização de técnicas aperfeiçoadas que as nossas condições actuais não permitem dominar. Ela envolve um número elevado de interpretações e conclusões passíveis de conterem uma dose elevada de subjectividade, dependendo frequentemente essas conclusões e interpretações do ponto em que se situa o observador.

Contudo é imperativo aprofundar o conhecimento da realidade social do país. A prática do nosso Partido, a reflexão permanente sobre a situação política e a ligação com as massas constituem uma fonte importante de dados para essa análise reflexiva, que nos permitirá chegar a conclusões se não rigorosamente absolutos pelo menos indicativos da adequação da nossa prática à realidade social do país em que vivemos.

A nossa sociedade constitui uma realidade bem complexa. Ela, resulta de convergência de uma diversidade de factores históricos, económicos, políticos e culturais que, após a ruptura verificada em 1974/75, ainda não se estabilizaram para nos permitir uma caracterização de rigor absoluto. O período em que

.../...

vivemos é ainda um período de transição em que a luta entre a velha e a nova sociedade prossegue de forma aberta ou subtil permitindo ora a afirmação de factores positivos e progressistas, ora a persistência de factores negativos e retrógrados, ora, ainda a sua coexistência.

Importa pois inventariar alguns dos aspectos mais salientes da nossa sociedade, reflectir sobre a sua origem, evolução e o peso específico que exercem na configuração da nossa sociedade.

2. Caracterização social - O povo caboverdiano é o produto dum cruzamento étnico envolvendo os escravos trazidos da costa Ocidental da África e o colonizador europeu.

Na sua grande maioria (cerca de 65%) a população é rural ou semi-rural. Mais de metade da população (55%) depende da agricultura e dos parques rendimentos que este proporciona. O que resta da força de trabalho empregada concentra-se na administração, na actividade comercial e na prestação de serviços.

Cerca de 60% da mão de obra encontra-se sub-utilizada - 40 a 45% se se considera o pessoal empregue nos programas da alta intensidade da mão de obra.

Cerca de 42% da população vive abaixo do nível da pobreza (170 dólares anuais de rendimento disponível), os quais na maioria se referem aos agricultores e sub-empregados (60% dos quais vivem abaixo do nível da pobreza) e à população urbana desempregada e sub-empregada (80% da qual vive abaixo do nível da pobreza).

Em contrapartida, 30% da população detém 60% do rendimento disponível, acentuando-se a diferença na categoria dos comerciantes e proprietários (10,6% da população, 26,7% dos rendimentos.

(Dados extraídos do documento sobre Cabo Verde apresentado à Conferência dos PMA)

O período actual é um período de grande mobilidade social. A conquista da independência acarretou bastante mudanças e permitiu uma maior interpretação social. Por outro lado há que ter em conta a ideologia do Partido que instituiu uma maior democr

tização entre indivíduos de condição social diferente.

Dada a exigência da construção de um Estado viu-se crescer de forma bastante clara o aparelho burocrático, reforçando assim a camada da pequena burguesia, camada que ainda se encontra em expansão, não só pelas contínuas exigências dos serviços como também pela criação de empresas públicas ligadas ao sector terciário.

Outra camada social que cresce, embora até o presente em ritmo menos acelerado, é a do operariado. O seu ritmo aumentará nos próximos anos com a criação das indústrias de transformação ou ligadas ao Sector marítimo.

A camada da população de onde sairá a grande maioria dos elementos que engrossar a pequena burguesia e o operariado é a camponesa, responsável, igualmente, pelo crescimento do lumpenato.

A emigração é igualmente responsável pela mobilidade social accentuada que se verifica. Os proventos dos emigrantes contribuem para aumentar o seu prestígio social, o seu "status" e provoca uma maior interpretação e convivência entre pessoas de camadas sociais diferentes.

A emigração é igualmente um factor interveniente na caracterização social com um peso bastante elevado. Não restam dúvidas porém que, de escape essencial do caboverdiano em épocas de crise geral, ela evoluiu, e hoje assume o carácter de escape em momentos de crise pessoal, um expediente aparentemente fácil para resolver os mínimos problemas surgidos no dia a dia.

Na a emigração é uma realidade objectiva do nosso país. Ignorá-la seria ignorar que cerca de metade da nação caboverdiana se encontra expatriada, seria desprezar a valiosa contribuição que ela dá e poderá dar no desenvolvimento do país.

Uma das repercussões importantes que a emigração tem na sociedade caboverdiana verifica-se nas estruturas familiares, salvo alguma excepções (emigração de empregados domésticas) o grosso da emigração é masculina. Daí a elevada percentagem de mulheres chefes de família. O papel da mulher é pois destacado por força das

.../...

circunstâncias, facto que também se verifica por outra razão: a irresponsabilidade paternal que leva um grande número de mulheres a serem efectivamente o único suporte de educação dos filhos, embora a recente legislação possa vir a travar esta tendência, bem pronunciada no periodo colonial.

Outro factor que pesa na caracterização social do caboverdiano é a condição insular do seu habitante, que dificulta a comunicação física, económica e social. Este factor, aliado à dependência em relação ao exterior confere à sociedade cabo-verdiana a característica da sociedade aberta, aberta aos mercados, às ideias estrangeiras, aos modelos de importação.

A maioria da população vive no campo é originária do campo. As secas e as conseqüentes perturbações que elas criam na economia rural obrigam os agricultores a se fixarem nas cidades, o que confere a estas um carácter rural. Outra saída é a emigração. O camponês é pois forçado a uma situação de dupla identidade - camponês-operário e camponês-marinheiro, factor de grande instabilidade psicológica. Ele é exposto a atrações, solicitações as mais diversas e contraditórias, conforme o meio a que transitoriamente se liga.

Esta instabilidade psicológica explica os comportamentos imprevisíveis que são muitas vezes testemunhados e que podem dar origem a situações de conflito.

A adversidade com que a esmagadora maioria da população tem de se confrontar para sobreviver produziu efeitos perduráveis na maneira de ser do caboverdiano. Por um lado temperou-o para situações difíceis e ensinou-o a lutar arduamente. Por outro lado, obrigando a maioria da população a viver na pobreza desenvolveu o individualismo, produto do "desenrascanço" e da "rabidância", e uma agressividade que frequentemente desemboca na violência.

A pobreza de meios será igualmente o responsável por um espírito igualitarista largamente espalhado entre as camadas mais desfavorecidas. Mas a dualidade de comportamento atrás referido faz com que frequentemente esse espírito desapareça desde que se verifique uma ascensão social ou económica.

3. Caracterização cultural- A cultura caboverdiana vai beber as suas características actuais em duas fontes principais: a africana, representada pelas sucessivas levas de escravos que foram trazidos para o arquipélago e a europeia, essencialmente portuguesa, representada pelo colonizador.

Por duas razões a componente europeia se predispunha a assumir o papel mais activo na formação da cultura caboverdiana. Em primeiro lugar, o facto de ela ser a cultura do dominador possibilitava-lhe ser imposta, ainda que pela violência. Em segundo lugar a diversidade de culturas de que eram portadores os diferentes povos, arrancados à força do seu habitat físico e cultural tornou-os mais vulneráveis à agressão cultural e impôs a necessidade da referência à cultura do dominador. Daí que, por exemplo, a língua nacional tenha como base essencial a língua portuguesa e a contribuição das línguas africanas seja porcentualmente reduzida.

Porém isso não significa que a cultura caboverdiana tenha ficado reduzida a um arremedo da cultura portuguesa. Ao reagir perante o colonizador, os escravos e os seus descendentes segregaram as suas próprias defesas em forma de valores culturais mais resistentes às investidas do dominador e mais adaptadas ao novo ambiente ecossocial criado. É nesse esforço de adaptação cultural foram tão bem sucedidos que não raras vezes acabaram por assimilar o próprio dominador.

A resistência cultural, a luta que o povo caboverdiano sustentou durante séculos contra a despersonalização, condiciona a atitude das pessoas perante a vida e a natureza. Ela deu origem a uma maneira de ser e de pensar seri-generis que identifica o perfil cultural do caboverdiano.

Povo mestiço etnicamente, somos mestiços culturalmente. Daí uma elevada tolerância para com os valores estranhos, uma grande abertura e poder de assimilação de modelos importados. Porém o policiamento cultural repressivo exercido contra a sobrevivência dos valores africanos pelas autoridades e pela igreja no tempo colonial, a exaltação da "civilização ocidental cristã" acabaram por criar certos preconceitos em relação às formas culturais africanas consideradas como "inferiores". E se bem que o período de 1974/75, sob a impulsão do Partido, visse devolver a dignidade à nossa meta

de africana, observa-se de novo uma certa involução provocada pelos mass-média, pela emigração e talvez até, pela ruptura com a Guiné-Bissau - uma certa generalização do nacionalismo estreito tendo como referência o "crioulo" por oposição ao "negro africano" "incivilizado".

Essa abertura cultural do caboverdiano (em particular pelos modelos ocidentais) permite-lhe absorver sem grande esforço valores que são enviados de fora mas ela faz correr o risco de se transformar numa abertura para a despersonalização. Tanto mais que cada ilha constitui uma realidade cultural bastante autónoma, (muitas vezes estaque, o que se pode observar na emigração, por exemplo nos EUA, onde as ilhas de origem tem a tendência para se reproduzir culturalmente em ilhas culturais separadas) e isso enfraquece a sua resistência. Não se invertendo a situação, correr-se-ia o risco de, um futuro não muito longinquo, a cultura nacional em vez de ser o conjunto dos valores assumidos por todos os caboverdianos vir ser o conjunto de valores que diferenciam os caboverdianos entre si. Porque os valores assumidos por todos serão os assimilados do exterior; os valores de cada comunidade insular não absorvidos pelos estrangeiros só serão assumidos num espaço reduzido e não significarão nada para a maioria da população: a tabanca hoje pouco diz no camponês de Santo Antão, a djagacida nada significa para o mindelense; O "colá" não entusiasma o camponês de Santiago ou do Maio.

Além disso, algumas expressões culturais comuns vão sendo subvertidas de forma gradual: a morna é alvo da investida de standardização ao gosto ocidental, a coladeira é associada à música dos Caraíbas, a culinária vai entrando na normalização do menu europeu, sobrevivendo dificilmente a cozinha nacional: o milho vai sendo progressivamente substituído pelo arroz e pelo trigo. Aliás, por via de "abertura" da nossa sociedade com o desenvolvimento dos meios da comunicação e com a influência da emigração e dos cooperantes estrangeiros chegamos à um estágio em que, pelo menos nas cidades se reforçam os hábitos ocidentais de consumo, o que não poderá deixar de ter reflexos no desenvolvimento sócio-económico do país.

Mas cultura não constitui apenas o somatório de actos de criação individual ou colectiva. Ela engloba tudo aquilo que constitui modo de relacionamento do Homem com a natureza e com a sociedade. É ela que define a sua personalidade enquanto agente de transformação

do meio em que vive e é ela que ajuda a interpretar os fenómenos que se produzem no seu quotidiano.

Uma das mais importantes das facetas da personalidade cultural caboverdiana é a influência religiosa que se constata na maior parte da população. Influência essa que também revela uma sorte de "mestiçagem" pois, ao lado, um melhor sob as manifestações litúrgicas das religiões ocidentais se podem descobrir reminiscências das religiões africanas trazidas da costa pelos nossos antepassados.

Não existem dúvidas de que as religiões cristã em Cabo Verde foi introduzida pela força e que a sua assimiliação foi mais por medo do que por convicção, conforme o testemunho de um estudioso. Assim, à margem da religião oficial foram sobrevivendo outras formas de cultos às forças sobrenaturais. Isso revela de novo, um certo dualismo que persegue o caboverdiano na sua vida quotidiana: apesar de esconjurados pela Igreja, essas formas de culto são, apesar de tudo assumidas sem grandes preocupações. Qual o camponês (e não só...) que não acredita no poder sobrenatural do "cordeiro" ou no "mau olhado"? A facilidade com que coexiste em muitos milheres de mindelenses o espiritismo e a catelicismo ou o protestantismo, o sucesso dos "djabacosos" guineenses em Cabo Verde e nas comunidades emigradas na Europa são exemplos elucidativos.

4. Caracterização ideológica - Muitos dos aspectos que foram considerados ao nos referirmos à caracterização social e cultural poderiam ser retomados ao nos debruçarmos sobre a caracterização ideológica. Porém vamos-nos limitar a referir às três principais forças ideológicas que coexistem, ora pacífica ora conflituosamente na nossa sociedade: as do Partido, a religião e a do passado colonial.

I. A ideologia do Partido. É a mais recente mas a mais dinâmica, progressista e libertadora que propõe uma visão racional do mundo, exorta à participação democrática, defende a dignidade humana, opõe-se a todas as formas de opressão e discriminação, propugna uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem.

O seu principal difusor é o próprio Partido, ou sejam os seus órgãos, as suas estruturas e os seus militantes. Outros agen